

A Mesa da Palavra explicada

Pároco P. e Vasco Soeiro

Domingo XXVI do Tempo Comum - Ano C – 28.09.2025

1ª leitura – Amós 6, 1a.4-7

Salmo – Salmo 145 (146)

2ª leitura – 1 Timóteo 6, 11-16

Evangelho – Lucas 16, 19-31

VIVER UMA VIDA PLENAMENTE HUMANA

Jesus tem vindo a ensinar o modo como nos devemos relacionar com os bens materiais. A palavra de Deus escutada neste XXVI Domingo do Tempo Comum deve suscitar em nós um despertar do marasmo em que a nossa vida pode cair.

A primeira leitura, excerto da Profecia de Amós, aponta-nos um caminho de compreensão para que as palavras de Jesus sejam atualizadas em cada um de nós hoje: «Ai daqueles que vivem *comodamente* em Sião e dos que se sentem tranquilos no monte da Samaria» (Am 6,1). O advérbio «comodamente», em toda a Sagrada Escritura, de acordo com a Versão dos Setenta (tradução da Bíblia Hebraica para o Grego), apresenta um sentido impactante pois é traduzido para português como «desprezar» ou «rejeitar». Porém, a palavra de Deus esclarece que o viver comodamente não se relaciona com a mera dimensão pessoal – eu comigo mesmo – mas sim relacional. Mais, a dimensão relacional, inscrita na Bíblia, não se refere a COISAS. Todos os acontecimentos a ele – *comodamente* – relacionados, tanto no AT (1Sam 8,7; 1Sam 10,19; 2Maq 1,27; Prov 1,7; Sab 4,18; Am 6,1; Jer 6,14; Dan 4,31) como no NT (Lc 18,9; Lc 23,11; Act 4,11; Rom 14,3; Rom 14,10; 1Cor 1,28; 1Cor 16,4; 1Cor 16,11; 2Cor 10,10; Gal 4,14; 1Tim 5,20), remetem para um desprezar/rejeitar a DEUS ou a um OUTRO HUMANO.

A antinomia POBRE – RICO, tantas vezes explorada erradamente, não pode ser o ponto de referência para o cristão. Para todo o discípulo de Cristo, a riqueza deve interpretada como aquilo que nos aprisiona num egoísmo castrador, bem como tudo o que nos separa de Deus e dos outros. Bem se expressou São João Paulo II ao afirmar: «Cristo não condena nunca a posse pura e simples dos bens materiais. Mas pronuncia palavras muito severas contra os que usam dos seus bens materiais de modo egoísta, sem atenderem às necessidades dos outros. [...] A parábola do rico e de Lázaro deve estar continuamente presente na nossa memória; deve formar a nossa consciência.

Devemos, igualmente, despertar a nossa atenção para o facto de Cristo não chamar pelo nome ao rico, mas ao pobre atribuir-lhe o nome de Lázaro, que significa «DEUS VEM EM AUXÍLIO». De facto, o nome El'azar «exprime verdadeiramente quem é este pobre, um homem sobre o qual repousa a promessa de libertação da parte de Deus. [...] Esta parábola SACODE-NOS, sacode sobretudo a nós que vivemos na abundância de uma sociedade opulenta, que sabe esconder tão bem os pobres, ao ponto de já não se dar conta da sua presença. [...] Devemos confessá-lo: os pobres são um embaraço para nós porque são «o sacramento do pecado do mundo» (Giovanni Moiolli), são o sinal

da nossa injustiça. E quando os pensamos como sinal-sacramento de Cristo, muitas vezes acabamos por lhes dar as migalhas, ou mesmo alguma ajuda, mas temo-los longe de nós» (BIANCHI, Enzo, 23-09-2016).

Podemos concluir que, esta bela mensagem de Cristo deve constituir estímulo para juntos construirmos «um mundo em que todos os homens [e mulheres], sem exceção de raça, religião ou nacionalidade, possam viver uma VIDA PLENAMENTE HUMANA» (papa Paulo VI, in *encíclica Populorum progressio*), *próximos uns dos outros, atualizando na nossa vida o mandamento de Cristo: «amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 15,12). Apenas deste modo, no meio da uma humanidade cada vez mais dilacerada pela violência, guerras, divisões e discórdias (cf. prefácio da oração eucarística da reconciliação II), seremos em cada dia a HOMOLOGAÇÃO bela da nossa profissão de fé, tornando-nos verdadeiras TESTEMUNHAS de ESPERANÇA (cf. 1Tim 6).*